

# Revista de Comunicação Científica: RCC



## ARTIGO

### NARRATIVAS DOCENTES SOBRE AS LICENCIATURAS INTERCULTURAIS E INDÍGENAS DO BRASIL E MÉXICO

Teaching Narratives About Intercultural And  
Indigenous Degree Courses In Brazil And Mexico

Enseñanza De Narrativas Sobre Cursos  
Interculturales E Indígenas En Brasil Y México

#### Amanda Pereira da Silva Azinari

Doutoranda em Educação UFMT. Professora efetiva  
da rede estadual de educação básica de MT.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9345-0219>

E-mail: [amanda.azinari@edu.mt.gov.br](mailto:amanda.azinari@edu.mt.gov.br)

#### Filomena Maria de Arruda Monteiro

Professora Associada do Programa de Pós-graduação  
em Educação da UFMT, Doutora em Educação  
UFSCAR, Líder do GEPForDoc.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2991-7416>

E-mail: [filarrudamonteiro@gmail.com](mailto:filarrudamonteiro@gmail.com)

#### José Antônio Castañeda Serrano

Doutor em Pedagogia pela Universidade de Barcelona,  
Professor Titular da Universidade Pedagógica  
Nacional, Ajusco, México

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7272-7001>

E-mail: [jserrano@g.upn.mx](mailto:jserrano@g.upn.mx)

AZINARI, Amanda Pereira da Silva. MONTEIRO,  
Filomena Maria de Arruda. SERRANO, José Antônio  
Castañeda. Narrativas docentes sobre as  
Licenciaturas Interculturais e Indígenas do Brasil e do  
México. In: **Revista de Comunicação Científica –  
RCC**, Edição especial, Vol. 4, n. 17, p. 224-238, 2024.  
ISSN 2525-670X.

Disponível em:

<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume 4, número 17 (2024)

ISSN 2525-670X



## NARRATIVAS DOCENTES SOBRE AS LICENCIATURAS INTERCULTURAIS E INDÍGENAS DO BRASIL E MÉXICO

Teaching Narratives About Intercultural And Indigenous Degree Courses In Brazil And Mexico

Enseñanza De Narrativas Sobre Cursos Interculturales E Indígenas En Brasil Y México

### Resumo

Este texto apresenta reflexões sobre aprendizagens no movimento de Pesquisa Narrativa instituídas durante pesquisa/textos de campo em processo de desenvolvimento no âmbito do Programa de Pós-graduação em Educação, Doutorado em educação pela UFMT no Doutorado Sanduíche em curso na Cidade do México. A pesquisa tem como fundamento a experiência baseada em Dewey (1976), ressignificada por Clandinin e Connelly (2015). Nos referimos às experiências de docentes universitários que trabalham em licenciaturas com populações indígenas do Brasil, FAINDI/UNEMAT e do México, UPN. Narramos compreensões e os movimentos de pesquisa, entendidos como textos de campo, constituídos nestes contextos formativos como pretensão registrar e difundir práticas da pesquisa em educação articulando-a às perspectivas *contra*-coloniais (Ailton Krenak; Geni Nunez).

**Palavras-chave:** Pesquisa Narrativa; Contra-colonial; Licenciaturas indígenas.

### Abstract

This text presents reflections on learning in the Narrative Research movement established during research/field texts in the process of development within the scope of the Postgraduate Program in Education, Doctorate in Education at UFMT in the Sandwich Doctorate ongoing in Mexico City. The research is based on experience based on Dewey (1976), redefined by Clandinin and Connelly (2015). We refer to the experiences of university professors who work on higher education courses that serve indigenous populations in Brazil, FAINDI/UNEMAT and Mexico, UPN. We report understandings and research movements, understood as field texts, constituted in these training contexts as an intention to record and disseminate research practices in education, articulating it with counter-colonial perspectives (Nêgo Bispo, Ailton Krenak; Geni Nunez).

**Keywords:** Narrative Research; Counter-colonial; Indigenous degrees.

### Resumen

Este texto presenta reflexiones sobre el aprendizaje en el movimiento de Investigación Narrativa establecido durante textos de investigación/campo en proceso de desarrollo en el ámbito del Programa de Posgrado en Educación, Doctorado en Educación de la UFMT en el Doctorado Sandwich que se desarrolla en la Ciudad de México. La investigación se basa en la experiencia en Dewey (1976), redefinida por Clandinin y Connelly (2015). Nos referimos a las experiencias de profesores universitarios que trabajan en carreras de educación superior que atienden a poblaciones indígenas en Brasil, FAINDI/UNEMAT y México, UPN. Reportamos comprensiones y movimientos de investigación, entendidos como textos de campo, constituidos en estos contextos de formación como una intención de registrar y difundir prácticas de investigación en educación, articulándolas con perspectivas contracoloniales (Ailton Krenak; Geni Nunez).

**Palabras clave:** Investigación Narrativa; Contracolonial; Licenciaturas indígenas

## Introdução

Que a gente possa aprender a não ficar preso à nenhuma barragem (Ailton Krenak, 2022, p. 90).

Pensar a pesquisa acadêmica é sempre um desafio, haja vista, que em toda nossa formação escolar e cultural impuseram uma (forma) ação sempre passiva em relação à pesquisa, podemos considerá-la enquanto “educação bancária” ou ainda nos aprisionar à moldes e estruturas previamente elaboradas por outras pessoas, quando na verdade “o que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos” (Freire, 1996, p. 43).

Eliane Brum ao escrever um capítulo sobre “deseestrutura” em seu livro “Banzeiro òkótó: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo”, da editora Companhia das Letras, desconstrói essa lógica cartesiana e da civilização do ocidente de pensar o mundo a que boa parte de nossa geração foi *de*-formada. Para a autora e jornalista

tudo é construído ao redor dessa convenção: as estatísticas, o que devemos sentir, o que acontece com o corpo e com a mente, a qualidade da vida, o momento em que se espera morrer. Vai-se do zero para algum lugar em linha reta (Brum, 2021, p. 13).

Clandinin e Connelly (2015) tecem críticas às pesquisas consideradas “formalistas”, com as quais estruturaram-se a ideia de fazer ciência no mundo acadêmico e científico à luz de correntes positivistas e racionalistas que reforçam narrativas dominantes. Assim, os autores informam que “a *estrutura* é uma visão formalista, é uma visão, de que as coisas nunca são o que são, mas ao invés, disso, são o que nossa estrutura e o nosso ponto de vista ou perspectiva ou panorama fazem delas” (Op. cit., p. 72).

Para Smith (2018, p. 11) “o termo pesquisa está indissociavelmente ligado ao colonialismo e ao imperialismo europeu” considerando os usos indiscriminados de técnicas e modos de fazer pesquisa tornando pessoas como objetos, como ocorreu com populações indígenas, por exemplo.

Os cursos de licenciaturas indígenas e interculturais atuam como entidades que dialogam com a formação entre mundos indígenas e não indígenas, promovendo

deslocamentos significativos nas estruturas sociais coloniais arraigadas nessas instituições. Ao serem ocupadas pelos povos indígenas, não apenas reivindicando seu lugar, contribuem para uma ressignificação dos saberes e práticas institucionais. Esse processo, marcado por movimento de solidariedade e, por vezes, por contradições e preconceitos, fortalece redes de apoio e promove a interculturalização da vida acadêmica, pois conforme Baniwa (2019), a presença indígena nas universidades possibilita um diálogo inter-científico frutífero, que une os conhecimentos tradicionais aos saberes ocidentais acadêmicos.

Assim, o texto pretende discorrer reflexivamente sobre algumas experiências com docentes formadores da Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e da Licenciatura em Educação Indígena (LEI) da Universidade Pedagógica Nacional (UPN) da Cidade do México. Respaldamo-nos na Pesquisa Narrativa que contribuiu para gerar reflexões na Tese em desenvolvimento no âmbito dessas universidades públicas que trabalham com populações indígenas em cursos pensados curricularmente para e com estes povos, ao articular o processo de Desenvolvimento Profissional Docente dos participantes da pesquisa e da pesquisadora, os quais encontram-se permanentemente em um *continuum* formativo.

### Abordagens e os fios da pesquisa

Assim como em uma intrincada trama de uma *yurupema*<sup>1</sup> a escrita deste texto nasce como um processo de resistência, pois falamos de universidades subjugadas por seus contextos colonizados entre Brasil e México, países com históricos de massacres e aniquilamentos de populações originárias, sendo então uma forma de registrar histórias outras. Por isso também fazemos a opção em visibilizar palavras na língua tupi-guarani, um dos maiores troncos linguísticos do Brasil.

A formadora MCC afirma que “nós não temos uma sociedade hegemônica, nós temos uma diversidade de línguas, de povos diferentes, de culturas diferentes, são aproximadamente, 50 povos indígenas em Mato Grosso” (Entrevista, MCC, 2023). Quanto as línguas originárias brasileiras uma das docentes entrevistadas publicou em

---

<sup>1</sup> Peneira na língua Tupi.

texto coletivo em um artigo “sabe-se que no início da colonização havia, no Brasil, uma variedade linguística muito grande, mas que a ‘colonização’, fenômeno que criou na América a racialização e subalternizou os povos originários, foi responsável por diversos genocídios, entre eles, o linguístico” (Ferreira e Zonizokemairô, 2021, p. 1-2), por isso, reafirma-se a importância da formação bilíngue/plurilíngue desde a Educação Básica à Educação Superior, em que se promovam as diferentes línguas originárias como forma de inclusão de outros troncos linguísticos.

Para compreender sobre os processos de aprendizagem e os saberes da docência, recorreremos a pesquisa narrativa entendida como método e fenômeno (Clandinin e Connelly, 2015) analisada a partir das lentes da contra colonialidade (Krenak, 2020; Alzandúa, 2000; Cusicanqui, 2015). Ao articular essas perspectivas, buscamos compreender como narram suas experiências na docência e como seus saberes constituídos ao longo de suas vidas, podem servir a um movimento de descolonização do conhecimento ao desafiar os discursos hegemônicos que naturalizam as desigualdades e reforçam as diferenças.

Escrever pode ser instrumento de reforçar as relações de poder ou de superação desse processo. Para Smith (2018, p. 51) “[...] a escrita acadêmica é uma maneira de escolher, de organizar e apresentar o conhecimento”. O que estamos denominando de “Confluências Narrativas” são as distintas perspectivas de pesquisa no contexto das abordagens narrativas e (auto) biográficas.

Temos nos respaldado para construir a pesquisa em andamento, considerando que “quando pesquisadores narrativos estão em campo, eles nunca estão ali como mentes (sem corpo) registradoras da experiência de alguém. Eles também estão vivenciando uma experiência [...]” (Clandinin, Connelly, 2015, p. 120).

Essas experiências vivenciadas no âmbito da composição dos “textos de campo<sup>2</sup>” é que denominamos de “Confluências Narrativas” são as composições obtidas das entrevistas narrativas gravadas presencialmente ou por plataformas digitais como *Google Meet* ou *Zoom*<sup>3</sup>; diário de campo; fotografias durante a pesquisa

<sup>2</sup> Termo usado dentro do método da Pesquisa Narrativa para referir-se a composição de narrativas através dos diferentes textos, movimentos, como entrevistas, diários, escritas de si, cartas, fotos, etc (Clandinin e Connelly, 2015).

<sup>3</sup> Essas possibilidades foram propostas pelos participantes que se encontravam em cidades diferentes da pesquisadora que é a primeira autora ou porque compreenderam que seria melhor, no caso de alguns participantes do México.

e de momentos significativos da experiência profissional dos/as participantes; conversas; eventos; reuniões; assembleias; audiência pública; mobilizações; leitura de artigos, teses e dissertações escritas pelos participantes; análise do Projeto Político Curricular dos cursos; levantamento bibliográfico sobre o histórico dos cursos.

Essas confluências estão fundamentadas nas ideias de Nêgo Bispo (2015) que compreende o ato de confluir, com o de comungar e compartilhar experiências. Aqui denominamos de *conversas* que são momentos, muitas vezes, não planejados pela primeira autora e que contribuíram para a compreensão de alguns fenômenos que compõem as histórias narradas,

[...] há uma sondagem em uma conversa, uma sondagem profunda, mas é feita em uma situação de confiança mútua, de escuta, e de solidariedade com a experiência descrita pelo outro” (Clandinin, Connelly, 2015, p.153).

Partindo de uma perspectiva que valorize a subjetividade e as experiências individuais que são também fruto de um processo coletivo, a pesquisa de Doutorado em Educação em andamento se refere às histórias narradas por 13<sup>4</sup> formadores e formadoras da UPN e da FAINDI/UNEMAT. Conforme apontam Clandinin e Connelly (1995, p. 35), essas histórias "funcionam como argumentos nos quais aprendemos algo essencialmente humano compreendendo uma vida concreta ou uma comunidade particular tal como estão vivas".

Além dos aspectos individuais e subjetivos, as narrativas dos formadores e das formadoras não se limitam a expressões individuais, mas também revelam as complexas relações entre a pessoa e o contexto social, cultural e histórico em que está inserida como ressalta Clandinin (et. al., 2016, p. 18)<sup>5</sup>

[...] também é uma exploração das narrativas sociais, familiares, linguísticas e institucionais dentro das quais as experiências individuais foram, e são, constituídas, moldadas, expressas e promulgadas.

---

<sup>4</sup> Para este texto, apresentamos apenas alguns elementos narrados por algumas formadoras considerando a síntese para esta escrita.

<sup>5</sup> Tradução livre *Engaging in narrative inquiry* (Clandinin et. al., 2016).

Participaram desta investigação, 5 professores<sup>6</sup> do sexo masculino e 8 professoras do sexo feminino que possuíam entre 49 e 72 anos de idade, com tempo de trabalho que variavam de 15 a 44 anos na Educação Superior em licenciaturas interculturais e indígenas. Essas informações demonstram um perfil docente com extensa experiência nestas modalidades formativas com potenciais de contribuição para reflexões e repensar práticas e ações mais inclusivas.

A FAINDI/UNEMAT foi o primeiro contexto de pesquisa inserido no trabalho. Isso ocorreu devido à experiência vivida pela primeira autora, que além de professora da Educação Básica, também atua como professora formadora da Faindi desde 2019 na Licenciatura em Pedagogia Intercultural (LPI). Já o segundo contexto de pesquisa, surge a partir da participação no edital para selecionar estudantes para o Doutorado Sanduíche, programa do Governo Federal que fomenta a internacionalização da ciência, em que há o processo de deslocamento de vivências na Cidade do México pelo período de setembro de 2023 a fevereiro de 2024 com a Universidade Pedagógica Nacional, Ajusco, na Licenciatura em Educação Indígena (LEI).

### **Narrativas como potência contra colonial: entrevistas, conversas e tessituras narrantes**

Narrar as formas como a pesquisa tem se desenvolvido no âmbito do PDSE na Cidade do México e alguns aspectos vividos no estado de Mato Grosso, no Brasil quanto aos caminhos e tessituras da pesquisa tem sido uma proposição reflexiva e formativa. Porque ao escrever vamos tecendo outros modos de compreender o universo e sua complexidade, além de rompermos com a herança colonialista de que as mulheres latinas não podem pronunciar a sua palavra, sua escrita, pois “quem sou eu, uma pobre *chicanita* do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?” (Alzandúa, 2000, p. 230).

Com as confluências narrativas e as artesanias relacionais, pode-se vivenciar mais próximo com professores universitários do Brasil onde a primeira autora esteve acompanhando por mais de 40 dias a última etapa formativa presencial dos cursos da

---

<sup>6</sup> Os nomes dos participantes foram substituídos neste texto pelas iniciais para resguardar suas identidades.

FAINDI/UNEMAT em julho e agosto de 2022 e que depois são registrados no diário de campo. No México, esses encontros se referem às conversas com docentes formadores antes e depois das entrevistas, bem como, em aulas na pós-graduação, eventos, entre outros momentos em que estivemos presentes para apresentar nossa proposta de pesquisa.

A Pesquisa Narrativa está subsidiada numa perspectiva Tridimensional: lugares, tempos e relações sociais, não há como pensar os fenômenos que envolvem as vidas e experiências desses profissionais sem olhá-los a partir dessa tridimensionalidade, pois “já que a investigação narrativa é relacional, sabíamos que estávamos compondo os relatos narrativos junto com os participantes” (Mello *et. al.*, 2016, p. 574). Ou seja, nossas compreensões sobre a temática vão compondo também os *textos de campo* e os sentidos que damos a eles.

Os *diários de campo* também têm contribuído para registrar esses sentimentos de pesquisa e compreensões que envolvem as paisagens da pesquisa, ou seja, os lugares, as formas como estes participantes estão se sentindo, se expressando fisicamente, o tempo, o espaço. Tem atuado como um dispositivo de memória em que “[...] ajudam a completar a riqueza, a nuance e a complexidade da paisagem, retornando ao pesquisador reflexivo a uma paisagem mais rica, mais complexa e mais problematizante do que a memória provavelmente pode construir” (Clandinin, Connelly, 2015, p. 123).

As entrevistas narrativas foram realizadas com 13 professores/as do Ensino Superior, 9 do Brasil da UNEMAT e 4 do México da UPN, em que pode-se aprofundar na temática investigada e desenvolver momentos significativos quanto as artesias relacionais estabelecidas entre pesquisadora/participantes, uma co-construção de respeito e confiança.

A pedagogia intercultural e indígena no contexto das universidades, desempenha importante papel ao considerar o “giro decolonial”<sup>7</sup> como um levante mobilizado por diferentes pensadores/as de países africanos, indianos e do Sul Global que se posicionam em favor de epistêmes próprias. Ferreira e Cruz (2023, p. 87) salientam que

---

<sup>7</sup> Ballestrin (2013)



Nas expressões pedagógicas, a interculturalidade insere-se na construção de uma prática outra que desalinha a epistemologia eurocentrada. Os estudos têm demonstrado que a interculturalidade é ferramenta política nos movimentos indígenas equatorianos e em toda a América Latina.

Esse processo denominado de pedagogia ou educação intercultural é fruto principalmente do movimento indígena equatoriano como salientam as autoras supracitadas, estende-se para uma dimensão territorial e geopolítica mais ampla tomando esses processos interculturais como centrais na construção de políticas e espaços plurais dentro de dinâmicas sociais e de pedagogias diferenciadas que ensinam outros modos de viver.

A aprendizagem da docência no contexto dos cursos superiores interculturais emerge como um dos fenômenos presentes no processo de Desenvolvimento Profissional Docente a partir das diferentes experiências ao longo da formação de cada formador/a. Tais profissionais possuem também diferentes orientações conceituais que sustentam suas ações e isso é evidenciado na fala da professora MC quando se refere ao período pandêmico que afastou estudantes e professores das aulas presenciais.

Assim ela relata a necessidade de reinvenção pedagógica, “[...] *para amenizar o prejuízo pedagógico, tivemos que nos reinventar, criar novas estratégias de ensino para atender cada acadêmico e acadêmica dos cursos* (M.C., entrevista narrativa, 2023)<sup>8</sup>.

O reconhecimento da provisoriedade da aprendizagem docente potencializa a abertura para novos saberes considerando as mudanças sociais contínuas. Concordamos com a afirmativa de que

[...] os professores estão em constante processo de aprendizagens profissionais e à docência se configura como uma profissão que vai se constituindo cotidianamente em espaços e contextos múltiplos, em experiências reflexivas (Mariani, 2017, p. 186).

Outra entrevista narrativa em significativa é de uma professora do México que ocorreu pela plataforma Zoom devido a escolha da participante, durou também cerca de uma hora e quarenta minutos. Devido problemas com sua câmera, a pesquisadora

---

<sup>8</sup> Usaremos o destaque em itálico e com recuo sempre que nos referirmos as narrativas dos participantes.

só ouvia sua voz, o que tornou a entrevista um pouco mais tensa, não menos importante. A participante revelou que o início e gosto pela docência é marcado pela leitura de livros de Paulo Freire, que ao ler obras como “A importância do Ato de ler” e “Educação como prática de Liberdade” de Freire, passa a ressignificar à docência e o seu exercício, sendo fator determinante para a sua carreira profissional. Ao mesmo tempo em que a docente entrevistada também dialoga sobre sua preferência em trabalhar com as narrativas e histórias de vida dos estudantes ao afirmar “*Me ha gustado, sobre todo, conocer de cerca las experiencias y las biografías. Trabajé mucho tiempo, de escolarización de los alumnos y biografías*” (V. A., entrevista narrativa, 2023), revela a importância das metodologias que envolvam a escuta atenta e sensível nos trabalhos com os povos indígenas.

A formadora MJ, narra sobre suas primeiras experiências em 1991 na formação de professores indígenas quando entra na UPN eclode-se o Movimento Zapatista no México, havendo demandas no campo de uma educação específica, já que não havia este atendimento. A formação em nível superior era uma das pautas do movimento e surge dentro da universidade como proposição colaborativa para as comunidades indígenas dos diferentes lugares do país,

*[...] luego llegué a esta Universidad a la Licenciatura de Educación Indígena, y cuando estaba en esta licenciatura vino todo el movimiento zapatista, a nosotros como institución superior, se nos pidió que hiciéramos una propuesta de educación para la población indígena, porque no había ninguna propuesta de educación formal, no compensatoria, para pueblos indígenas en ese momento y entonces el Consejo Nacional de Fomento Educativo, el CONAFE, este nos organizó como a un equipo con profesionales de la educación de varias universidades y nosotros hicimos la primera propuesta de educación indígena para población indígena en situaciones rurales y semiurbanas (M.J, 2023).*

Entre as diferentes experiências vividas pelos formadores e formadoras também há diferentes dilemas que compõem o repertório de saberes constituídos nesses movimentos. Segundo N.R, formador da UPN, em obra organizada pelo professor em 2014 o mesmo afirmou que ao pensar o papel do docente formador não indígena dentro de um programa educacional para formar pessoas indígenas seria um

dilema latente que “[...] *muestra la compleja relación intercultural, marcada por la constante tensión entre lo indígena y lo no indígena [...]*” (Rebolledo, 2014, p. 10).

Destacamos um trecho narrado pela docente M.C.C, quando esteve em audiência pública realizada este ano sobre a PEC nº 17/2023 do Governo do Estado de Mato Grosso que altera de 22 para 14 membros no Conselho Estadual de Educação atingindo principalmente grupos marginalizados como: povos indígenas, quilombolas. A docente diz que “*nós não temos política pública de formação de professores indígenas em Mato Grosso nós temos é oferta de cursos esporádicos*” (M.C.C. Audiência pública em 30 de março de 2023). Essa anotação no diário de campo compõe sua narrativa enquanto professora e gestora que naquele período estava inconformada e insatisfeita com a atual conjuntura política do estado de Mato Grosso quanto à formação de professores indígenas, considerando que “*estamos há mais de três anos lutando para abrir edital de vestibular para novas turmas. A última turma se formou em setembro*” (M.C.C. Audiência pública em 30 de março de 2023).

A insatisfação da docente descrita em sua narrativa durante essa audiência pública revela quão colonialista (Quijano, 2005) são as estruturas estatais e se somou a outros representantes indígenas presentes neste encontro e em outros em que a primeira autora esteve presente em Barra do Bugres em 2022 e em Brasília em 2023. De algum modo, revelou também a insatisfação dos povos indígenas de Mato Grosso sem a pretensão de falar em nome deles ou por eles, mas resulta de sua interação e participação em diversas frentes de trabalho seja na FAINDI, no Conselho Estadual da Educação Escolar Indígena de Mato Grosso, no Fórum Nacional de Educação Escolar Indígena, acolhendo as denúncias proferidas pelos povos indígenas.

Krenak (2022, p. 42-43) tece uma escrita sobre a lógica colonialista que considerou todas as pessoas como “iguais”, entende a necessidade de “[...] evocar os mundos das cartografias afetivas, nas quais o rio pode escapar ao dano, à bala perdida, e a liberdade não seja só uma condição de aceitação do sujeito, mas uma experiência tão radical que nos leve além da ideia de finitude”.

É importante ressaltar que no cenário brasileiro e no estado de Mato Grosso, cujas vertentes reproduzem posturas colonialistas quanto aos povos indígenas, isso refletiu na ausência de respostas pelo vestibular de cursos específicos em Mato

Grosso, em que há oferta a partir de convênios entre UNEMAT e SEDUC/MT<sup>9</sup>, esta última tem sido reconfigurada com as Delegacias Regionais de Ensino (DREs) e com modelos de Ensino Estruturado, desmonte da formação continuada que remetem formações antidemocráticas e homogêneas do ponto de vista político e pedagógico como apresenta Camargo (2021) em sua tese de doutorado.

Infelizmente esse cenário não é exclusividade brasileira, no México, em diversas narrativas foi possível identificar a perpetuação colonialista nas estruturas educacionais através de ausência de financiamentos para publicar materiais produzidos pelos estudantes indígenas e professores do curso em Licenciatura em Educação Indígena, bem como, os apoios e incentivos aos docentes e estudantes indígenas com suas pesquisas.

### Considerações finais

As “confluências narrativas” ressoam como essa fuga das estruturas sociais e epistemológicas que nos aprisionam como as barragens em rios volumosos e correntes. Sem a pretensão de encerrar esse relato, mas fazer como os rios que se espalham e ganham força quando unem as águas, tivemos a intenção de coletivamente refletir sobre a elementos que constituem a Pesquisa Narrativa, apresentando possibilidades metodológicas na construção da Tese em andamento no contexto do Doutorado Sanduíche entre Brasil e México.

Compreendemos que há diversas possibilidades metodológicas que se entrelaçam às narrativas enquanto elementos vivos e que dão, de fato, VIDA à pesquisa científica. São narrativas situadas numa temporalidade, numa espacialidade e num contexto social plural, complexo e dinâmico, neste caso, dos cursos de Licenciaturas indígenas do Brasil e do México.

A partir dessas argumentações, podemos refletir sobre a importância da diversificação dos elementos alternativos que podem compor as narrativas de cada participante da pesquisa, contribuindo para uma maior aproximação de suas histórias de vida, dos sentidos que atribuem à docência universitária, à formação dos povos indígenas e suas aprendizagens profissionais da docência num contexto epistêmico intercultural e multiétnico.

---

9 Secretaria de Estado de Educação do Mato Grosso.

Há que se considerar os inúmeros desafios que permeiam a docência nos contextos universitários interculturais com as diferentes matrizes epistemológicas, culturais e humanas que atravessam a formação como um todo. Formação profissional de estudantes e docentes formadores/as em um processo complexo que carece de maior aprofundamento e investimentos do Estado.

### **Referências**

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**, ANO 8, 1º Semestre 2000.

BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº11. Brasília, maio - agosto de 2013, pp. 89-117.

BANIWA, G. **Educação escolar indígena no século XXI**: encantos e desencantos. Rio de Janeiro: Mórula, Laced, 2019.

BRUM, Eliane. **Banzeiro òkótó**: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo. São Paulo: Companhia das letras, 2021.

CAMARGO, Rosimeire Dias de. **Narrativas de formadores de professores dos CEFAPROS de Mato Grosso**: Políticas e Práticas de Formação Continuada. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Mato Grosso, Instituto de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Cuiabá, 2021.

CLANDININ, D. J. CONNELLY, F. M. Relatos de experiência e investigación narrativa. *In*: LARROSA, J. **Déjame que te cuente**. Barcelona: Editorial Laertes, 1995.

CLANDININ, D. Jean. CONNELLY, F. Michel. **Pesquisa Narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Trad. Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEL/UFU – 2. ed. Ver. Uberlândia: EDUFU, 2015.

CLANDININ, D. J., CAINE, V. LESSARD, S. HUBER, Janice. **Engaging in narrative inquiries with children and youth**. Series: Developing qualitative inquiry. Vol. 16, Includes bibliographical references and index. By Straight Creek Bookmakers. Nova Yourk: Routledge, 2016.

CUSICANQUI, S. R. **Sociología de la imagen**: ensayos. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2015.

DEWEY, J. **Experiência e educação**. Trad. Anísio Teixeira. 2. ed. São Paulo: ed. Nacional, 1976.

FERREIRA, W. A. de A. ZONIZOKEMAIRO, N. Educação Específica e Diferenciada: complexos culturais da língua materna Haliti-Paresi. **Palmas**, v. 7, n. 1, p. 1-16, jan.-mar., 2021. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2021v7n1a4pt>

FERREIRA, W. A. de A. CRUZ, M. C. da. Etapa Intermediária com os Yudja do Baixo Xingu no Coração da Amazônia. **Nova Revista Amazônica**. Volume XI - Nº 01, Julho, 2023.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. ed. São Paulo Ed. Paz e terra, 1996.

KRENAK, Ailton. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das letras, 2022.

LASTÓRIA, A. C. MIZUKAMI, M. da G. N. Construção de matéria instrucional como ferramenta para aprendizagens docentes. In: MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti.

RODRIGUES, Aline Maria de Medeiros. (Orgs.). **Aprendizagem profissional da docência**: saberes, contextos e práticas. Reali – São Carlos: EdUFSCar, 2010.

MARIANI, F. Aprendizagens da docência na formação inicial: os sentidos sobre o ser professor a partir da ideia do bom professor. In: MONTEIRO, Filomena Maria de Arruda. FONTOURA, H. A. **Pesquisa, formação e docência**: processos de aprendizagem e desenvolvimento profissional docente em diálogo. Cuiabá: Editora Sustentável, 2017

MELLO, Dilma. MURPHY, Shaun. CLANDININ, D. Jean. Introduzindo a investigação narrativa nos contextos de nossas vidas: uma conversa sobre nosso trabalho como investigadores narrativos. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica**, Salvador, v. 01, n. 03, p. 565-583, set/dez. 2016.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales. Buenos Aires, 2015.

REBOLLEDO, N. La emergencia de una profesión indigenista y la profesionalización como descolonización. In: REBOLLEDO, N. (Org.). **La formación de profesionales de la educación indígena**: memorias, crónicas y voces de los formadores. México: UPN, 2014. pp. 25-64.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, Quilombos: modos e significados.** INCT, UnB, Brasília-DF: 2015.

SERRANO, José Antônio Castañeda. MORALES, Juan Mario Ramos. DELGADO, Manuel Martínez. LOZANOM, María De La Luz Jiménez. **Trayectorias biográficas: tradiciones y perspectivas.** Anais do XVI Congresso Nacional de Investigación educativa – COMIE. San Luíz Potosi, 2017.

SMITH, Linda Tuhiwai. **Descolonizando metodologias:** pesquisa e povos indígenas. Trad. Roberto G. Barbosa. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

Recebido: 14/11/2024

Aprovado: 05/12/2024

Publicado: 20/12/2024